

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: HISTÓRIAS DA ESCOLA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Cícero Gimenez Moreira¹

Juliana Fiorese²

Mônica Págio de Ângelo³

Fabiana Davel Canal⁴

RESUMO: A escola é um importante espaço na socialização do ser humano e primordial na construção de nossa identidade social. A pluridade de vivências conseguidas nesse ambiente faz com que, constantemente, possamos refletir quem somos e quem queremos ser, além de que sociedade queremos construir. Este trabalho teve como objetivo a aproximação entre família-escola-comunidade, valorizando os saberes de todas as partes descritas e desenvolvendo a mútua responsabilização no processo de educação cidadã de crianças e jovens. Para tanto, criou-se de canais de escuta das histórias de vida de egressos de uma escola do interior do Espírito Santo por meio de entrevistas semi-estruturadas, que foram divulgadas em um jornal, produto do projeto metodologicamente enquadrado como pesquisa-intervenção. Nas histórias contadas, a escola mostrou-se como elemento transformador da realidade social. Trazer lembranças positivas às famílias e à comunidade é uma maneira de aproximar família e escola, de fazer com que esse aspecto da identidade seja resgatado.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade social; História oral; Escola.

ABSTRACT: The school is an important space in the socialization of the human being and primordial in the construction of our social identity. The multitude of experiences achieved in this environment means that we can constantly reflect on who we are and who we want to be, in addition to what society we want to build. This work aimed to bring the family-school-community closer, valuing the knowledge of all the described parts and developing mutual responsibility in the process of citizen education of children and young people. In order to do so, channels were created to listen to the life stories of graduates of a school in the interior of Espírito Santo through semi-structured interviews, which were published in a newspaper, a product of the project methodologically framed as intervention research. In the stories told, the school proved to be a transforming element of social reality. Bringing positive memories to

¹ Aluno do curso de Psicologia da Multivix Castelo. Bolsista Fundo de Amparo a Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES).

² Aluna do curso de Psicologia da Multivix Castelo.

³ Professora da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Madalena Pisa. Bolsista FAPES (tutora).

⁴ Psicóloga. Mestre em Psicologia Institucional (UFES). Especialista em Psicologia Social (CFP). Professora das Multivix Castelo, Cachoeiro de Itapemirim e Vitória. Bolsista FAPES (coordenadora).

families and the community is a way to bring family and school closer, to rescue this aspect of identity.

KEYS-WORD: Social identity; Oral history; School.

INTRODUÇÃO

O processo de tornarmo-nos humanos não é natural, como muitos acham. Para que possamos adentrar no mundo cultural, onde nos submeteremos às regras de convivência social, será necessária nossa inserção em grupos sociais. O primeiro deles, onde acontece a garantia de nossa sobrevivência animal e nossa socialização primária, é denominado família. É este grupo que nos passa os valores essenciais em nossa primeira infância, preceitos que são difíceis de mudar e que parecem ter nascido conosco, mas que foram ensinados nos nossos primeiros anos de vida (LANE, 1981).

Posteriormente, inserimo-nos em grupos diferentes do familiar, onde os valores primários são confrontados e percebemos que nossas certezas são apenas circunscritas ao nosso grupo primário. Acontece, assim, o processo de socialização secundária, que se dá, normalmente, no ambiente escolar. É na escola que aprendemos elementos culturais que dizem respeito à transmissão de conhecimento cientificamente elaborado, além de aspectos da cidadania (LANE, 1981). O ambiente escolar tem, assim, um considerável papel na preparação da socialização individual de cada estudante, uma vez que, como destaca Durkheim (1975) “[...] o ambiente escolar é um cenário vivo de interações de trocas explícitas de ideias, valores e interesses diferentes” (DURKHEIM, 1975, p. 47).

A pluralidade cultural é essencial no espaço escolar, visto que é um espaço de socialização e onde os valores adquiridos de forma assistemática devem ser respeitados por todos. É nesta troca de experiências que os estudantes conhecerão diversas culturas que a sociedade apresenta (DELORS, 2003). Assim, sendo o espaço escolar local privilegiado de socialização, precisa ser pensado como lugar

onde aconteçam possibilidades de conversas, em que as pessoas tenham oportunidade de falar, de ouvir, de questionar, de trocar, enfim, sejam sujeitos ativos na construção do conhecimento e, conseqüentemente, na formação de quem são e serão e na construção e reconstrução da sociedade (MACIEL, 2010).

A escola terá a incumbência de zelar nos indivíduos o respeito mútuo, os aspectos cognitivos e interpessoais, com o objetivo de caminhar sempre no sentido da aprendizagem. Ao integrar os contrastes no ambiente escolar, a escola sempre precisa estar disposta a oferecer ajuda quando acontecer alguma pressão social. É necessário oferecer a criança sempre um relacionamento saudável, educando-o ao questionamento em relação aos seus sentimentos, o respeito e a empatia ao diferente, como forma de enfrentamento das questões sociais através de argumentações das suas ideias, sabendo que existem muitas singularidades e que devemos respeitá-las, pois para vivermos em comunidade não devemos medir esforços para que esta seja sempre digna, justa, igualitária, não deixando as diferenças causarem conflitos, ou se este aparecer, que sejam resolvidos com diálogo, paciência e consciência (DELORS, 2003).

Nesse segmento, cabe ao docente ser mediador da aprendizagem, trabalhando esses sentimentos nos seus discentes, através de um ofício diário, voltado para o combate à preconceitos, violências, mediando conflitos quando estes forem surgindo, e valorizando a herança cultural de cada um em particular, e desenvolvendo a todo momento a cultura da concórdia e da igualdade em meio à diversidade (DELORS, 2003).

Além disso, é importante destacar que a educação, pode também ser compreendida como um processo social, uma vez que esta contribui para a formação de uma sociedade crítica, democrática, planejada, mantida pelos próprios indivíduos que a compõem (DELORS, 2003).

Ainda segundo Delors (2003) a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade e esta atua perante o enfrentamento e a execução de diversas tarefas e atividades e regula o

desempenho das mesmas. A educação é, portanto, uma estratégia que as sociedades desenvolveram com o objetivo de facilitar a disseminação do conhecimento produzido socialmente, a partir de suas experiências que podem dar-se num nível individual e/ou coletivo (ARAÚJO, 2003). É esse conhecimento socialmente elaborado e passado por meio da educação familiar e escolar que nos situa no mundo cultural, para que possamos ser seres humanos e construir nossas identidades. É assim que nos tornamos quem somos, que desenvolvemos o que chamamos de autoconsciência, que passamos a perceber que existe um “eu”, que pode interferir em seu meio, influenciar e ser influenciado, a ter a independência de tomar decisões, buscar suas origens, a fazer parte de grupos e desse modo, constituir sua identidade (MAY, 2012).

(...) se a definição básica de identidade vinculava-se à busca das origens; das semelhanças; dos substratos comuns; daquilo que, por baixo das diferenças, do movimento, das mudanças costura e mantém a unidade, a contemporaneidade passa a designá-la como um discurso em permanente processo de elaboração. Melhor dizendo, como uma produção que nunca se completa, formada e transformada no interior das representações (SILVEIRA, 2010, p. 70).

Identificar definições para identidade tem sido apenas uma das questões que a sociedade busca compreender. Questões como a memória, o discurso identitário e identidade social, seja esta individual ou coletiva, acabam contribuindo para esclarecer, de forma efetiva, as relações humanas na atualidade. Estas relações são as que reafirmam a identidade positiva de cada local. Desse modo, a não associação da relação do indivíduo na sociedade é algo impensável no estudo da individualidade, sobretudo no campo da identidade social (SILVEIRA, 2010).

De acordo com Tilio (2009), a identidade seria uma construção social, e não um dado herdado biologicamente. Ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

A identidade social refere-se ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provém das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam (BRADLEY, 1996, p. 24).

É importante considerar que o conceito de identidade não está apontado exclusivamente na identificação das semelhanças e dos compartilhamentos, mas que está vinculado, nesse mesmo movimento, a diferença e a distinção. É nesse âmbito que o preconceito acaba tornando-se um fator marcante por construtos associados à escola, por exemplo (SILVEIRA, 2010).

Nesse sentido, quando o indivíduo passa a reger sua identidade social, passa a se identificar em grupos, ele distingue seu próprio grupo (seus membros) dos demais. Assim, as identidades culturais também são múltiplas, fragmentadas, contraditórias e fluidas. O não entendimento dessa natureza pode acarretar nas visões essencialistas de identidade nacional e cultura nacional (TILIO, 2009).

Ainda de acordo com Tilio (2009), as variadas identidades culturais são absorvidas por um sujeito e tornam-se partes de sua identidade social. Já a cultura, estabelece no campo dos processos inconscientes e sem a consciência de identidade, a identidade cultural. Esta “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p.176).

Nesse aspecto, formas de se arquivar essas informações e histórias são de extrema importância, como bibliotecas ou jornais, por exemplo. Isto significa, também, na maior visibilidade deste recurso, pois são espaços nos quais a cultura mostra-se universal, tanto de tradição, como de continuidade. Parafraseando Silveira (2010), elas se tornam “lugares de memória” que têm a função de enfrentar o tempo e as incontingências da morte e do esquecimento, bem como colaborar para que uma dada comunidade estruture suas ações em torno de referenciais identitários comuns.

Esta pesquisa teve como objetivo a aproximação entre família-escola-comunidade, valorizando os saberes das partes envolvidas e desenvolvendo a responsabilização mútua no processo de educação cidadã de crianças e jovens, criando canais de escuta das histórias de vida das famílias, proporcionando, assim, a valorização pela escola do conhecimento da família.

Em um momento em que a história é desvalorizada, justifica-se um trabalho que resgata o próprio sentido da história como sendo importante para o entendimento do funcionamento social. Com a aproximação entre pais, escola e comunidade buscou-se promover a valorização do espaço escolar como um espaço coletivo, importante para a formação de futuros cidadãos, que podem transformar a realidade individual e local.

METODOLOGIA

A pesquisa enquadra-se na categoria qualitativa, em que prioriza-se a aquisição de dados descritivos, como facilitador da compreensão da perspectiva dos participantes, propiciando o entendimento dos fenômenos apresentados, e um maior contato do pesquisador com o seu objeto de estudo (NEVES, 1996). Realizamos, assim, uma pesquisa-intervenção, visando à interrogação das práticas naturalizadas que se materializam nos estabelecimentos. Nessa modalidade de pesquisa,

[...] não se trata de produzir um conhecimento a priori buscando constatar sua veracidade, ou ainda aplicá-lo a uma dada realidade aqui entendida como já dada, já formulada. Ou ainda a busca de apreensão de uma verdade sobre um objeto. Objetiva-se cartografar os movimentos, colocando em análise as instituições em cena em determinado campo. Neste sentido, intervir refere-se a uma aposta ético-política que afirma a radicalidade da intervenção em seu sentido etimológico, isto é, intervir é vir entre (HECKERT & PASSOS, 2009, p. 380).

O primeiro passo foi realizar reuniões com o corpo técnico, administrativo e pedagógico da escola. Foram selecionados 5 alunos do ensino fundamental II, devidamente matriculados em uma escola municipal de ensino infantil e fundamental. Além dessa seleção, também foram escolhidos alunos do curso de Psicologia de uma faculdade particular no município em que a escola encontra-se. Os alunos selecionados precisavam ter bom rendimento além de disponibilidade de se dedicar ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa-intervenção.

Depois de realizada a seleção dos alunos, houve uma pesquisa de pessoas da cidade que soubessem sobre o contexto em que a escola pesquisada estava inserida, de

maneira que considerassem os melhores modos de contribuição para a pesquisa-intervenção. Dessa forma, pessoas ligadas à escola, como alunos, ex alunos ou pessoas que, de certo modo, tivessem passado pela instituição foram contactadas e entrevistadas pelos alunos.

As entrevistas seguiram o modelo semiestruturado, ou seja, possuindo um roteiro prévio, mas que expande espaço para que o entrevistadores pudessem fazer perguntas além do que já estava planejado. Além disso, o uso de questionários foi útil, havendo um alinhamento das perguntas que seriam respondidas.

Os alunos buscaram a escuta de histórias de vida que envolviam a escola. Segundo Amado e Ferreira (2000), essa metodologia é inovadora, pois dá uma atenção aqueles que são historicamente “dominados”, ou silenciados e excluídos. Na abordagem desta pesquisa, deu-se voz à história à comunidade, aos personagens que já passaram pela escola e que possam servir de inspiração para os pais e os alunos que lá estão atualmente.

Após a entrevista realizada, os discentes fizeram a transcrição e em seguida reportagens que compuseram um jornal. Estes foram distribuídos pela escola e para a comunidade local, com a finalidade de alcançar maiores canais de comunicação e divulgar as histórias dos que passaram pela escola.

Além disso, também se buscou na comunidade escolar, matérias que pudessem integrar o informativo (como a história de professores, de projetos que estão acontecendo na escola atualmente, de superação de alunos, atividades culturais, necessidades da escola, entre outros) para que a comunidade tenha acesso ao que, a escola está produzindo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa efetivou o total de três edições de jornais, que foram distribuídos e expostos pela escola e para a comunidade local. A variedade do conteúdo dos entrevistados foi fator notório durante o desenvolvimento do projeto, sobretudo diante as profissões dos mesmos, pois foram escolhidos pessoas das mais variadas profissões, o que proporcionou perspectivas pluralizadas.

Além disso, as edições contaram com um texto escrito pela tutora e pela coordenadora do projeto, explicando-o. E ainda, foram produzidas reportagens escritas totalmente por uma das mães de atuais alunos da escola e, outra pela filha de ex professores, além da promoção - por parte da escola, especificamente pela professora de arte da instituição -, de um concurso de poesias, a qual a aluna vencedora pôde receber prêmios e ter sua obra publicada no jornal.

Todos os entrevistados realçaram a importância da instituição e se mostraram muito impactados positivamente em participar da construção do jornal. Alguns, ainda, indicaram outras pessoas para serem entrevistadas, agregando maior relevância ao projeto. Muitos enviaram fotos e lembranças do tempo em que estiveram na escola. Os professores foram lembrados como muita importância para a formação de adultos que são hoje:

Só cheguei onde estou graças ao incentivo e força dos professores! Devo muito ao Madalena! (...) Estudar no Madalena Pisa me incentivou a buscar minha profissão e realizá-la da melhor forma possível, principalmente na minha que é necessário muito amor e solidariedade. (...) Sem dúvida essa fase da minha vida foi o ponto de partida para ser o profissional e o ser humano que sou. (...) Madalena Pisa eu quero ser/ Madalena Pisa eu sou feliz aqui! [parte do Refrão do hino da escola lembrada pelo aluno].” (TRECHO DO JORNAL, 1ª EDIÇÃO).

Silva (2001) enfatiza a importância do professor para que os alunos sintam-se mais seguros, criando, assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre sujeitos. Todas as ações são mediadas pela afetividade do professor e percebe-se que as decisões tomadas por ele têm respaldo da afetividade, constituindo o afeto como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos, os conteúdos escolares e os professores.

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades. Rubem Alves (2000) enfatiza que o professor, aquele que ensina com alegria, que ama sua profissão, não morre jamais. Ele diz: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...” (ALVES, 2000 p.5).

“Nós tínhamos excelentes professores Todos esses professores marcaram muito a minha vida, cada um com seu jeito de dar aula, deixando marcas permanentes no meu coração” (José Mauro Soares do Nascimento, ex aluno da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, é representante comercial).

“A professora que mais me marcou no Madalena Pisa foi uma de português, o nome dela é Elza Nicoli. Eu admiro muito o trabalho dela, o jeito dela conduzir a turma, na minha época em 1996 ela já tinha uma visão muito avançada, sua maneira de ensinar, de se relacionar com os alunos, era fantástica, tem meu respeito e admiração (...). As lembranças da escola e da turma reforçam cada vez mais a ideia de união. Quando o sucesso do outro nos faz feliz é sem dúvida a maior prova solidariedade e isso enobrece a alma” (Flavio Elias Carvalho Pereira, ex aluno da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, professor de matemática).

Recordações como estas evidenciam o quão ampla é a influência e importância da escola para com os que nela frequentam. A educação torna-se um tópico complexo, sobretudo no ambiente escolar infantil e fundamental – período escolhido para ser desenvolvido no projeto -, pois este é o local onde o indivíduo, até então parcialmente privado, entrará em contato com a diversidade abrangente que é a sociedade dentro da esfera escolar. “Educar é, assim, humanizar o homem, o que abrange suas ações, seus comportamentos, seus hábitos e tantos outros aspectos” (OLIVEIRA; VIANA, BOVETO; SARACHE, 2013, p. 9).

De acordo com Piaget (1995) o cognitivo e o afetivo são inseparáveis, pois, defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Ou seja, “a afetividade constitui aspecto indissociável da inteligência, pois ela impulsiona o sujeito a realizar as atividades propostas” (PIAGET, 1995, p 37).

Segundo La Taille (1992) os discentes alcançam um aprendizado infinitamente melhor quando os docentes trabalham de forma que atinjam seus interesses e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades diárias.

Para de Henri Wallon (GALVÃO, 1996), a dimensão afetiva está no centro de tudo, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, quanto do conhecimento. Para ele, a afetividade é fator fundamental no desenvolvimento da pessoa, é por meio dela que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades.

Ainda segundo o mesmo autor (MAHONEY; ALMEIDA, 2012), a afetividade é anterior ao desenvolvimento e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. As transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio, a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica. Desta forma, nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo.

Os trechos das entrevistas abaixo demonstram como as emoções e a afetividade foram vivenciadas na escola.

“...Eu fiquei no início, meio assim com medo, mas depois eu fui super bem recebida [na escola], as professoras sempre dando aquele apoio, acalmando a gente. Então, por mais que o meu primeiro momento escolar tenha sido complicado, depois tudo foi se acalmando, com muito amor e carinho, tudo foi se ajeitando e eu fui me adaptando...” (Relato de Ana Luísa Souza Loredó, ex aluna da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, estudante de Matemática).

“...O período em que eu passei na escola foi muito bom desde o dia em que eu entrei até o último dia! Eu só tenho lembranças boas! Fui muito bem recebido, a escola me acolheu muito bem, com muito carinho e respeito! O Madalena Pisa foi primordial para eu escolher o que eu sou hoje, escolher a carreira artística, pois eles sempre me apoiaram!” (Relato de Adílio Zagotto Junior, ex aluno da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, bailarino e fotógrafo).

Dantas (1992) enfatiza que, além de ser uma das dimensões da pessoa, a afetividade é também a mais arcaica fase do desenvolvimento. Afirma que no início da vida, afetividade e inteligência estão misturadas com predomínio da primeira. Conclui que o ser humano, desde o nascimento, é um ser afetivo, e que gradativamente, esta afetividade inicial vai diferenciando-se em vida racional.

Não se pode distinguir cognição e afetividade. Os autores do desenvolvimento humano afirmam que a afetividade é vital a todas as idades, porém, é mais evidente no desenvolvimento infantil. Eles destacam que a afetividade está sempre presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento que temos com o “outro social”, por toda nossa vida, desde o momento de nosso nascimento. A evidência do papel da afetividade torna-se ainda visível quando a criança entra na escola, na relação professor-aluno. (WALLON, VYGOTSKY, PIAGET, 1992).

“...Dona Marina, e Marcos Silva. Amigos sempre dispostos a ajudar no que fosse necessário. O carinho que recebi na escola, foi a base para eu me tornar o profissional que sou hoje. Agradeço muito a cada educador com que tive o prazer de aprender.” (Relato de Ademir da Silva Cotta Junior, ex aluno da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, procurador municipal).

“...O incentivo dos professores foi determinante na minha vida. Apesar das dificuldades (eu não era muito fácil), a idade, a adolescência... mas eles nunca perderam a esperança, sempre dialogando, incentivando e dando muito amor.” (Relato de Bruno Luzório Fernandes, ex aluno da EMEIF Madalena Pisa e, atualmente, Médico).

Professora da EMEIEF Madalena Pisa, Elza Nicoli Souza, afirma que é possível fazer a diferença em sala de aula quando o amor, a dedicação e o planejamento ocorrem simultaneamente

Como diz o ditado popular “colhemos o que plantamos”. Na educação, onde acontece a construção do conhecimento, esse dito é mais verdadeiro do que nunca. Ao agregar a afetividade e a dedicação ao conhecimento, certamente a colheita será abundante (Trecho da segunda edição do jornal).

A importância da escola dá-se também na formação indelével das pessoas – aqui nomeada como identidade social -, nessa perspectiva, o espaço escolar desenvolve a consciência de pertencimento desse grupo social e, além disso, também associa seus componentes subjetivos e afetivos à essa pertença grupal. Assim, a escola e a

vida social do sujeito assumem uma influência mútua, em que acontecimentos do mundo refletem panoramas na escola.

A realidade atual mostra um mundo em constantes transformações, ao mesmo tempo globalizado e individualizado, afetando indivíduos e grupos, evidenciando muitas culturas e, por conseguinte, muitos sujeitos e muitas relações, mas todos dentro de um mesmo contexto histórico: a contemporaneidade. Sendo a escola um dos espaços sociais incluso neste contexto, ela sofre tais mudanças, mas também é parte constituinte desta realidade, formando esse homem contemporâneo (OLIVEIRA; VIANA, BOVETO; SARACHE, 2013, pág. 11).

Paralelo a isso, o período da Pandemia de COVID-19 foi um fenômeno que trouxe mudanças drásticas para pessoas dentro e fora do sistema educacional. Este projeto, por exemplo, teve início durante esse período e foi adiada por ele, além disso, a escola (assim como outras instituições) enfrentou o esvaziamento completo de seu espaço habitual, causando consequências progressivas que ainda serão vistas em futuras circunstâncias. Nessa conjuntura e referente ao jornal, a experiência de presenciar a pandemia em relação ao campo educacional, foi destaque na poesia vencedora e também na reportagem que uma das mães presentes nas reportagens, formulou:

Agora em 2021 o município inteiro continua dentro da escola. A impressionante capacidade da escola Madalena Pisa de ser referência e centralidade na comunidade em que se insere, seja por localização, por parque construído, por ser naturalmente referência comunitária, mais uma vez se apresenta de forma prática e simbólica neste momento tão trágico que se impõe. A escola, desde março de 2021, é Centro de Atendimento Médico Municipal de COVID-19, além de escola municipal (TRECHO DO JORNAL, 1ª EDIÇÃO – reportagem escrita por uma mãe de aluno que atualmente está na escola).

O setor da educação é um empreendimento estruturado a base de relações presenciais e interpessoais, com movimentações pedagógicas, que possibilitam interações e partilhas entre os envolvidos. Isolar essas estruturas apenas ao âmbito digitalizado pode desajustar as efetivas promoções de mudanças que o modelo educacional propõe. Se isso se verificar, o ato educativo dificilmente se poderá assumir como um ponto de encontro e de debate em que docentes e estudantes, num estilo de educação partilhada, expõem os seus pontos de vista, partilham experiências e dão sentido às suas práticas” (MORGADO; SOUZA; PACHECO, 2020, pág. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se dar visibilidade às histórias da escola, sendo elas contadas pelas famílias dos alunos e divulgadas para a comunidade escolar e extraescolar, aproximando, dessa forma, esses dois pólos da escola, lembrando aos familiares um aspecto de sua identidade social: a escola em que estudaram e que hoje continua sua história de educação por meio de seus filhos. Trazer lembranças positivas às famílias e à comunidade é uma maneira de aproximar família e escola, de fazer com que esse aspecto da identidade seja resgatado.

As histórias apresentadas por todos os entrevistados são trazem a perspectiva positiva por sua passagem por aquele espaço. As lembranças são de professores, eventos, situações, amigos que ajudaram a construir os adultos que hoje se apresentam para a sociedade. Isso ressalta a importância do processo de educação para a construção cidadã de sujeitos e para a transformação da sociedade.

Para a comunidade, conhecer histórias que começaram na escola de pessoas que, hoje, são importantes para a comunidade, em diversos sentidos e espaços, faz com que vislumbrem para seus filhos, atuais alunos da escola, um futuro próspero pela educação. Contar para a comunidade escolar, para os pais e para o bairro onde a escola encontra-se histórias positivas em relação à escola faz com que esta seja vista como elemento central para o desenvolvimento comunitário.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papyrus; Rubem Alves M.E., 2000.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARAÚJO, C.M.M. Psicologia Escolar e o Desenvolvimento de Competências: uma opção para a capacitação continuada. **Tese de Doutorado**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DURKHEIM, E. **Educación y sociedad**. Península, Barcelona, 1975

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HECKERT, A.L.C.; PASSOS, E. Pesquisa-intervenção como método, a formação como intervenção. In: CARVALHO, S.; FERIGATO, S.; BARROS, M.E.B. **Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade**. São Paulo: Hucitec, p. 376-393, 2009.

LANE, T.M.M. **O que é Psicologia Social**. Coleção Primeiros Passos. SP: Ed. Brasiliense, 1981.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. de (org). **Henri Wallon: Psicologia e educação**. 11ed. São Paulo – Edições Loyola: 2012.

MAY, R. Tornar-se Pessoa: Um empreendimento. In: MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes de Bolso, 2012. Cap. 3, p. 75-94.

MORGADO, J. C.; SOUSA, J.; PACHECO, J. A. Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Praxis educativa**, vol. 15, 2020. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89462860066>

OLIVEIRA, T.; VIANA, A. P. dos S.; BOVETO, L.; SARACHE, M. V. Escola, Conhecimento e Formação de Pessoas: Considerações Históricas. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 145-160, 2013. Disponível em:

<https://linksharing.samsungcloud.com/ossEijQwhO0y>

PIAGET, J. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. **Teorias psicogenéticas em discussão**. Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14^o ed.- São Paulo: Summus, 1992.

SILVEIRA, F. J. N. da. Biblioteca, memória e identidade social: **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/pci/a/4jq9Fg66W6sYQ3XxTMSbCRD/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 02 de setembro de 2021.

TILIO, R. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Duque de Caxias, v.8, n.29, abr/jun 2009, p.109-119.

Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt->

[BR&as_sdt=0%2C5&q=identidade+conceito&oq=identidade#d=gs_qabs&u=%23p%3DP1C0FKBxU8cJ](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=identidade+conceito&oq=identidade#d=gs_qabs&u=%23p%3DP1C0FKBxU8cJ). Acesso em: 5 de outubro de 2021.